

# 1 Introdução

A opção por realizar essa pesquisa surgiu da minha prática em sala de aula com crianças das séries iniciais. No decorrer desses dez anos de prática fui, aos poucos, percebendo como as crianças iam mudando e como a criança que tínhamos na escola não era a criança que a própria escola concebia. Havia um descompasso, algo que eu mesma não sabia explicar mas que me incomodava. Muitos professores e escolas ainda não se deram conta de que as crianças mudaram e outros, mesmo dando-se conta, encaram negativamente essa diferença de comportamento que as crianças de hoje apresentam e buscam um bode expiatório.

Bill Green e Chris Bigum (1995) exploram a tese de que está emergindo uma nova geração com uma constituição radicalmente diferente. As crianças que já nascem imersas nessa cultura da mídia já são outras crianças, com uma organização do pensamento advinda dessa nova vivência. Steinberg e Kincheloe (2001) reiteram que a infância é uma criação da sociedade e quando surgem amplas mudanças culturais e sociais a infância também está sujeita a mudar. É preciso, portanto, conhecê-las e para isso precisamos entender melhor o universo cultural em que estão inseridas.

Vivemos numa época de profundas e rápidas mudanças sociais que tem a mídia, principalmente televisiva, como uma das principais veiculadoras de informações e valores. A experiência da criança hoje é profundamente marcada pelo contato cada vez mais freqüente com a imagem, principalmente a imagem em movimento da TV, do computador/internet/vídeo-game. Sua presença trouxe mudanças nos diferentes espaços de que os sujeitos participam. A TV por assinatura, o vídeo, o computador, a internet, os jogos eletrônicos estão rompendo com os hábitos intelectuais e educativos seculares. As crianças estão

estabelecendo novas relações com a cultura e elaborando novas formas de acessar a informação e construir conhecimento.<sup>1</sup>

Robert Lamb (1999), representante da UNICEF, traz algumas contribuições em seu estudo sobre a mídia visual mundial onde esteve com pessoas-chave da indústria da televisão. A década de 90, segundo ele, viu a televisão ampliar, e muito, seu domínio como principal meio de comunicação de massa. Em quase todos os lugares ela é citada como a primeira fonte pública de informação. Ela é, também, o artigo de consumo mais vendido no mundo. Além disso, foi percebido que, em quase todos os lugares, as crianças e jovens passaram a ser os alvos principais das pessoas que estabelecem os horários dos programas, pois procura-se atingir o público adulto através dos membros mais jovens da família.

Talvez tais constatações reflitam uma das causas do meu desconforto ao perceber a forma como a mídia invadia a escola e era freqüentemente trazida pelas crianças para dentro da sala de aula, vista também sob uma ótica negativa pela escola e professores. A mídia como aquela que “perverte” ou “deseduca” a criança. Nos últimos anos de minha prática em sala de aula ampliei consideravelmente o trabalho com a leitura, lendo e trazendo para discussão, além dos textos de literatura infantil, variados tipos de texto como notícias de jornal, quadrinhos, propagandas, piadas, charges, criando possibilidades de leituras e relações entre-textos. Os textos da mídia também eram trazidos freqüentemente por eles e pareciam mais significativos que os demais. A TV tinha uma legitimidade que, por vezes, a própria escola parecia não ter no universo dessas crianças. Em vários momentos do meu trabalho me perguntei se eu estaria educando mesmo aquelas crianças e me vinha sempre um desconforto. Tive, muitas vezes, a sensação de que a TV educava mais do que eu.

Lazar (1987) diz não ser à toa que a infância tem despertado cada vez mais interesse nos estudos das Ciências Sociais e lembra que a crise da escola traduz as conseqüências de uma crise geral de valores. A mídia, em especial a televisiva, tem tido um peso cada vez maior na vida das crianças na atualidade. Uma pesquisa promovida pelo canal Cartoon Network constatou que no Brasil 54% das

---

<sup>1</sup> Eduardo Monteiro, *Uma aventura na cabeça e uma câmera na mão*, In: Pátio: revista pedagógica, ano I, nº 3, nov /97, jan/98.

crianças e jovens entre 6 e 15 anos dizem que assistir TV é sua atividade favorita.<sup>2</sup> Atualmente ela ainda faz parte de todo um complexo multimídia, do qual participam a própria TV agora com muitos e variados canais a cabo, diferentes revistas, jornais, CD-rooms, vídeo-games e computadores. Hoje ela não mais ocupa apenas o espaço do lar mas quase todos os espaços da contemporaneidade e esses diferentes espaços/meios de circulação da informação participam da formação de crianças e jovens.

Como trabalhei nos últimos anos unicamente com projetos de leitura e escrita percebi que, em algumas turmas, por mais que lêssemos variados tipos de texto e os discutíssemos em sala, parte dos alunos escrevia mais do jeito que a TV e o vídeo-game ensinavam do que do jeito da escola, com a leitura e a escrita formais. Os conteúdos da TV apareciam tanto nos assuntos dos textos criados por eles, nas interpretações que faziam das leituras quanto, por vezes, na própria estrutura fragmentada do texto escrito. Dessa forma, quando entrei no Mestrado meu desejo era o de conhecer um pouco mais o universo televisivo dessa criança e a relação com a sua produção textual. Queria compreender essa tamanha presença e significação que os conteúdos da mídia televisiva tinham para eles.

Minha questão era muito ampla e fui fazendo os recortes necessários. Da escolha de estudar a mídia, recortei o meu interesse especificamente para o estudo da televisão, deixando de lado as demais mídias. No entanto, propor-se a estudar a relação da criança com a televisão também era muito amplo devido aos diferentes formatos de programa por ela exibidos. Era preciso recortar mais. Pensando nas inquietações da minha prática cheguei à definição do tipo de programação escolhida para o estudo. As crianças traziam muito em sua fala, escrita e referências de leitura os conteúdos dos desenhos animados. Dessa forma, optei pelo estudo da relação da criança com os desenhos animados. Deixei de lado também o intento de, além de estudar a relação com a TV, relacionar essa com a produção escrita das crianças. Minha questão ficou focada na relação e nos significados que as crianças atribuíam aos desenhos animados da TV.

Pais, professores, familiares e adultos em geral viam a relação da criança com a TV como passiva, dominada pelo que a TV trazia, um sujeito não-sujeito que não fazia escolhas e apenas ia “na onda” da moda. E assim passavam as

---

<sup>2</sup> Informação retirada do site Acessocom

épocas e iam se sucedendo os desenhos: o tempo dos Cavaleiros do Zodíaco, do Pokemon que iam “obrigando” as crianças a vê-los. Será? Será que as crianças eram realmente induzidas a ver tais desenhos? Seriam elas frágeis a ponto de não conseguirem fazer suas próprias escolhas dos desenhos? Que sentidos essas crianças produziam acerca dos desenhos vistos?

Foram questões como essas que me levaram ao desafio de conhecer um pouco mais essa criança que parece tão próxima e, ao mesmo tempo, é tão distante. As crianças mudaram e nós não estamos conseguindo enxergar. Espero que a minha pesquisa propicie esse olhar sobre as crianças da pesquisa, que têm uma infância diferente mas não necessariamente pior do que a nossa. É essa busca que empreendo nesse trabalho. A seguir, apresento a forma como organizei a escrita desse trabalho.

No primeiro capítulo trago a revisão bibliográfica dos Estudos de Recepção em geral, bem como dos estudos mais específicos que tratam da recepção infantil da TV.

No segundo capítulo trago o enfoque teórico-metodológico, a apresentação dos campos da pesquisa, dos grupos pesquisados e da forma como a análise foi empreendida.

Nos próximos capítulos: terceiro, quarto e quinto, trago as análises das produções de sentidos das crianças sobre a TV e os desenhos animados, organizando-as de acordo com a classificação das multimediasções de Guillermo Orozco Gomez. Assim, no terceiro capítulo apresento o contexto mais amplo da relação das crianças com a TV através das ritualidades televisivas e as micromediasções, os modos cotidianos das crianças se relacionarem com os desenhos da TV. No quarto capítulo trago as macromediasções, como Orozco as define, que seriam os aspectos sociais que estão implícitos nas produções de sentidos das crianças: as instituições que frequentam, as percepções a respeito dos formatos da TV e a identidade que desejam construir enquanto grupo ou diante do grupo de amigos. No quinto capítulo trago as produções e criações das crianças especificamente sobre três desenhos escolhidos por elas em votação, bem como a criação do roteiro de um desenho animado sugerido por elas. A posição da pesquisa é justamente a de perceber o significado da TV e desses programas a partir do olhar infantil, vendo-os com os olhos das crianças.